

JORNADA SOBRE A I GUERRA MUNDIAL

INTERVENÇÕES

Alice Samara
Ana Paula Pires
Francisco Vaz
Isabel Pestana Marques
Natividade Monteiro
Paulo Simões

CIDADE

Regimento de Cavalaria 3
Núcleo de Estremoz da Liga
dos Combatentes
Cruz Vermelha Portuguesa

Estremoz
Convento
das Maltezas
20 Outubro 2018



JORNADA SOBRE A I GUERRA MUNDIAL

Estremoz

Convento

das Maltezas

20 Outubro 2018

INTERVENÇÕES

Alice Samara

Ana Paula Pires

Francisco Vaz

Isabel Pestana Marques

Natividade Monteiro

Paulo Simões

CIDADE

Regimento de Cavalaria 3

Núcleo de Estremoz da Liga
dos Combatentes

Cruz Vermelha Portuguesa

| Horas | Eventos |
|--------------|---|
| 9:30 | Recepção - acolhimento |
| 9:45 | |
| 10:00 | Sessão de abertura da jornada |
| 10:15 | |
| 10:30 | Doutora Alice Samara |
| 10:45 | |
| 11:00 | Debate |
| 11:15 | Pausa – Café / chá |
| 11:30 | Doutora Isabel Pestana Marques |
| 11:45 | |
| 12:00 | Doutor Francisco Vaz |
| 12:15 | |
| 12:30 | Debate |
| 12:45 | |
| 13:00 | Almoço |
| 13:15 | |
| 13:30 | |
| 13:45 | |
| 14:00 | |
| 14:15 | |
| 14:30 | |
| 14:45 | |
| 15:00 | Doutora Natividade Monteiro |
| 15:15 | |
| 15:30 | Doutor Paulo Simões |
| 15:45 | |
| 16:00 | Debate |
| 16:15 | |
| 16:30 | Pausa – Café / chá |
| 16:45 | Painel: Regimento de Cavalaria 3, Núcleo de Estremoz da Liga dos Combatentes, Cruz Vermelha Portuguesa – Estremoz, CIDADE |
| 17:00 | |
| 17:15 | |
| 17:30 | Debate |
| 17:45 | Sessão de encerramento |
| 18:00 | |

Alice Samara
(IHC-FCSH-UNL)

DE GRAVILO PRINCIP AO ARMISTÍCIO: UM OLHAR SOBRE A I GUERRA MUNDIAL

A 28 de junho de 1914, Gavrilo Princip assassinou Franz Ferdinand, herdeiro do trono Austro-Húngaro, em Sarajevo, capital da Bósnia. Para muitos, estes foram os primeiros tiros da I Guerra Mundial (1914-1918). Esta iniciar-se-ia nos primeiros dias de agosto e, ao contrário do que muito pensavam, os soldados não estavam em casa *antes das folhas terem caído das árvores*, principiando o que já foi chamado de *Éra do massacre*. Os anos de guerra inauguraram, dolorosamente, o século XX. O crepúsculo de uma velha Europa foi o tempo da guerra, da fome e da peste – com a terrível pneumónica, ou como também por cá se dizia, a gripe espanhola.

Propomos, assim, olhar para os anos da guerra, analisando algumas das principais dinâmicas de uma conjuntura central na história do século XX.

Nota Biográfica:

Investigadora integrada, Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Doutorada em História Contemporânea Institucional e Política de Portugal, pela FCSH-UNL – Janeiro de 2011.

Mestre em História do século XX, pelo curso de Mestrado de História dos séculos XIX e XX, secção século XX, da FCSH-UNL – Abril de 2001.

Licenciada em História (92/96), pela FCSH-UNL.

Bolseira de pós-doutoramento FCT – Espaços e redes de resistência na grande Lisboa – 1945-1974 – (até Junho de 2016).

Leccionou na FCSH-UNL e na Escola Superior de Educação de Setúbal.

Trabalhou como técnica de documentação documental na Fundação Mário Soares.

Tem trabalhos publicados – livros, entradas em enciclopédias, artigos.

Participação em júris de mestrado e doutoramento.

Organização, e participação em colóquios, congressos, seminários, cursos, nacionais e internacionais.

Ana Paula Pires

(IHC-NOVA-FCSH e Universidade de Stanford)

A REPÚBLICA E A ORGANIZAÇÃO DA ECONOMIA DE GUERRA (1914-1919)

A importância da frente interna como base de apoio aos exércitos em campanha foi um dos principais legados da I Guerra Mundial. A constatação de que as vitórias, ou as derrotas, já não podiam ser construídas unicamente no campo de batalha mas que eram o produto de um esforço comum, transversal a toda a sociedade, obrigou a uma mobilização, sem precedentes, cujos impactos e efeitos de arrastamento não deixaram de se fazer sentir em Portugal.

Os objectivos das políticas económicas de guerra enunciadas pela I República foram, quase sempre, guiados por três objectivos específicos:

1. garantir o abastecimento do País em bens essenciais à subsistência quotidiana da população;
2. definir uma política de controlo de preços;
3. encontrar os instrumentos necessários à intensificação e auto-suficiência da produção agrícola.

Palavras Chave:

Frente interna; Estado, Intervencionismo, Primeira Guerra Mundial, Economia de Guerra

Nota biográfica:

Doutorada em História, especialidade História Económica e Social Contemporânea, pela Universidade Nova de Lisboa.

Nota biográfica:

Doutorada em História, especialidade História Económica e Social Contemporânea, pela Universidade Nova de Lisboa. Realiza actualmente um pós-doutoramento na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade de Stanford.

Coordena o grupo de investigação “Economia, Sociedade, Património e Inovação” do Instituto de História Contemporânea.

Entre os principais trabalhos publicados destacam-se: Portugal e a I Guerra Mundial. A República e a Economia de Guerra (2011); António José de Almeida. O Tribuno da República (2011), Brito Camacho um Intelectual republicano no Parlamento (2015.) e Grande Guerra no Parlamento (2018), em co-autoria com Maria Fernanda Rollo.

É co-fundadora da International Network for the Study of the Great War in Africa.

Francisco António Lourenço Vaz
(Universidade de Évora)

**A GRANDE GUERRA EM MOÇAMBIQUE
- O TESTEMUNHO DO TENENTE FREDERICO
MARINHO FALCÃO (1916-1918)**

Frederico Marinho Falcão (1887-1956) nasceu em Lisboa, filho e neto de militares teve uma formação académica característica da elite do seu tempo, após o curso liceal frequentou a Escola Politécnica e depois a Escola de Guerra. Promovido a Tenente de Artilharia integrou o terceiro Grupo Expedicionário Português para combater na fronteira norte de Moçambique contra os alemães. Como combatente, Marinho Falcão tomou parte na ação levada a cabo no dia 19 de Outubro de 1916, integrando as forças que nesse dia tomaram o forte de Nevala sendo cercadas pelas tropas alemãs e obrigadas a retirar, na noite de 28 de Outubro. Foi nessa ação militar feito prisioneiro pelos alemães, permanecendo nessa qualidade durante mais de um ano, até à sua libertação em 18 de Novembro de 1917. Frederico Falcão deixou um diário, em que relata com pormenor a sua campanha em África, desde a viagem para Moçambique até ao longo e dramático deambular pelo mato africano como prisioneiro dos preços dos produtos alimentares adquiridos aos indígenas. A objetividade está também presente nos numerosos dados qualitativos, como a descrição da falta de mantimentos, vestuário, calçado, as doenças e falta de higiene, alemães e na companhia de outros combatentes portugueses, belgas e ingleses. Os registos caracterizam-se pela objetividade, com indicação de dados numéricos sobre os mais variados aspetos: as refeições, saídas para os safaris, quilómetros percorridos e osou desabafos sobre a má qualidade dos alimentos e das choupanas onde os prisioneiros tinham de pernoitar nas mais variadas situações.

Nota Biográfica:

É Professor do Departamento de História da Universidade de Évora e Investigador do CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades. É Licenciado em História pela Universidade do Porto, Mestre em História Cultural e Política pela Universidade Nova de Lisboa, Doutor em História da Cultura Moderna e Contemporânea, pela Universidade de Évora. Entre os trabalhos que publicou destacam-se: *O Saque de Évora pelos Franceses em 1808. Textos Históricos* (2008), *Os Livros e as Bibliotecas no Espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo* (2009), *D. Frei Manuel do Cenáculo - Instruções Pastorais, Projectos de Bibliotecas e Diário* (2009) e *A Grande Guerra em Moçambique - O Diário do Tenente Frederico Marinho Falcão (1916-1918)* (2018). Na tese de doutoramento, intitulada *Instrução e Economia as Ideias Económicas no Discurso da Ilustração Portuguesa (1746-1820)*, Lisboa, 2002, traça com pormenor a afirmação da Economia na transição do Antigo Regime para o Liberalismo e analisa as ideias e projectos de três dos nomes mais representativos do movimento das Luzes em Portugal: D. Frei Manuel do Cenáculo, Ricardo Raimundo Nogueira e José António de Sá.

Isabel Pestana Marques

(Ensino Secundário, CPHM, APH, IHC-FCSH-UNL)

ENTRE A VIDA E A MORTE NAS TRINCHEIRAS

Portugal, pela primeira vez, colocou uma força militar operacional, de dimensões nunca antes vistas e em território estrangeiro: um Corpo de Exército (CEP) com cerca de 55 mil homens, distribuídos por duas Divisões, estacionado no Norte de França (Flandres) e integrado no British Expeditionary Force (BEF).

Campanha incomum que ditou o ténue equilíbrio entre a vida e a morte dos combatentes numa guerra de trincheiras, desconhecida, mal preparada e dificilmente sustentada por uma República que desejava afirmar-se no país e no palco europeu.

Campanha que marcou aqueles que foram combater em terras europeias tal como os que restaram na terra natal, preocupados e ansiosos de um regresso breve e salvo, do familiar ou vizinho, que tardou a acontecer. Memórias sofridas que fazem parte de um imaginário colectivo, local, regional e nacional, materializadas muitas vezes nos monumentos de homenagem aos combatentes da Grande Guerra ou em discursos inflamados, nacionalistas e pouco rigorosos.

Ao aproximar-se o final da evocação do centenário da I Guerra Mundial, importa (re)conhecer e compreender, com rigor, sem mitos ou tabus, algumas originalidades dessa campanha militar, em terras francesas e integrada nas forças britânicas.

Apresentarei algumas vivências dos combatentes do CEP durante a campanha de Janeiro de 1917 a

Março de 1919, destacando o contributo para o esforço aliado na vitória da I Guerra Mundial.

Para tal, desafio a (re)descoberta de imagens e documentos de época como porta-vozes do passado que nos ajudam a esclarecer e a perceber melhor as vivências daqueles homens e mulheres que foram empurrados para uma guerra distante, de características desconhecidas e de resultados imprevisíveis.

Nota Biográfica:

Isabel Pestana Marques, licenciada em História (1990), com pós-graduação em Ciências de Educação (1994) e mestre em História dos Séculos XIX e XX - Secção de História do Séc. XX (1996) pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa, é Professora do Ensino Secundário e Investigadora de História, com participação em Academias, Institutos e Universidades nacionais e estrangeiras.

Actualmente é membro do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar, investigadora do Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNOVA e pertence à direcção Associação dos Professores de História (Portugal).

Foi galardoada com o Prémio de Defesa Nacional (1995) pela Comissão Portuguesa de História Militar e Consultora Científica da Exposição Portugal nas Trincheiras. A I Guerra da República, org. pela Presidência da República no âmbito do Centenário da República Portuguesa, Lisboa, 23 Fevereiro – 23
A b r i l 2 0 1 0 .

É autora especializada na participação portuguesa na I Guerra Mundial, destacando -se:

Diário de Campanha do General Fernando Tamagnini. Comandante do CEP, em co-autoria com João Vieira Borges e Eurico Dias Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2018;

Das Trincheiras, com Saudade. A vida quotidiana dos militares portugueses na Primeira Guerra Mundial, Lisboa, Esfera dos Livros, 2016 (3ªed);

Memórias do General. “Os Meus Três Comandos” de Fernando Tamagnini, Viseu, SACRE/Fundação Mariana Seixas, 2004;

Os Portugueses nas Trincheiras. Um Quotidiano de Guerra, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2002.

Áreas de Investigação: História Militar; História de Portugal Contemporânea; História da I Guerra

Mundial; História da I República Portuguesa; História do Quotidiano

Natividade Monteiro

(IHC, Faces de Eva-FCSH-UNL, CEMRI-UA)

O OUTO LADO DA GUERRA. A PARTICIPAÇÃO PÚBLICA DAS MULHERES PORTUGUESAS NA I GUERRA MUNDIAL

As feministas portuguesas foram as primeiras a organizar-se em torno da *Comissão Feminina 'Pela Pátria'* para apoiar os militares que partiam para África e os exércitos aliados que combatiam na Europa. Após a declaração de guerra da Alemanha a Portugal, monárquicas e republicanas organizaram-se em associações patrióticas e humanitárias para apoiar os combatentes, cuidar dos feridos, educar os órfãos e socorrer as famílias mais desfavorecidas. Anteciparam-se a qualquer iniciativa governamental e dispuseram-se a colaborar com o Estado no apoio material e moral às vítimas da guerra e na assistência social e hospitalar, criando e gerindo estruturas que suprissem as necessidades geradas pelo conflito e perdurassem no futuro. Mostraram espírito de iniciativa, inteligência e capacidades, desempenharam funções que antes lhes estavam vedadas, fizeram propaganda patriótica e expuseram ideias sobre a beligerância portuguesa, o lugar das mulheres na sociedade, a modernização do país e a construção social e política da democracia.

Nota Biográfica:

Licenciada em História, mestre em Estudos sobre as Mulheres e doutoranda em História Contemporânea. Prepara tese de doutoramento sobre a “Mobilização das Mulheres Portuguesas durante a Grande Guerra”.

Investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea e membro de Faces de Eva/CICS da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigadora colaboradora do Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais da Universidade Aberta.

Tem participado em Congressos nacionais e internacionais, coordenado exposições, ciclos de conferências e cursos livres. Tem publicado livros e artigos sobre o movimento feminista, o associativismo feminino, educação e cidadania na I República e organizações patrióticas e humanitárias na I Guerra Mundial.

Faz parte dos órgãos sociais da Associação de Professores de História, é sócia da APEM e da UMAR e pertence ao Conselho Consultivo do Centro de Documentação e Arquivo Feminista Elina Guimarães. É assessora da direcção e membro do conselho redactorial da Revista *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*. Faz parte do júri do Prémio “Maria Veleda” instituído pela Direcção Regional de Cultura do Algarve.

Paulo Simões Rodrigues
(Universidade de Évora)

ARTE, PROPAGANDA E MEMÓRIA: IMAGENS E ICONOGRAFIA DA I GRANDE GUERRA.

A I Grande Guerra caracterizou-se pela utilização sistemática, por parte das potências beligerantes, da imagem e da arte como meio de propaganda e memória. Fizeram-no durante o conflito, com a difusão de fotografias e gravuras dos cenários de guerra na imprensa ou através de cartazes propagandísticos produzidos a partir desses registos, e após o seu fim, com a construção e criação de monumentos e memoriais dedicados aos seus mortos e soldados. Os desenhos e as pinturas que estavam na base das gravuras, assim como algumas das fotografias, eram da autoria de artistas enviados pelos jornais para a frente de guerra ou integrados nos exércitos pelos governos dos países em conflito, com a finalidade de registarem, pelos meios referidos (fotografia, desenho e até pintura), a vida dos soldados nas trincheiras e o que acontecia no campo de batalha. Alguns destes artistas irão participar na criação de memoriais à guerra após o seu término, recorrendo, para o efeito, aos registos que ali realizaram. Esses registos, decorrentes das experiências e impressões dos seus autores, comportavam um realismo ou uma expressividade (dependendo do suporte utilizado) que transmitiam, com grande eficácia, as vivências da guerra. Era esse realismo e essa expressividade que os promotores dos memoriais em causa procuravam, pois serviam a retórica patriótica que, face aos efeitos devastadores da I Grande Guerra, pretendiam promover: a consagração do soldado desconhecido, e do

seu auto-sacrifício. como herói colectivo da nação. Assim sucederá com o pintor português Adriano Sousa Lopes (1879-1944), como iremos demonstrar.

Em 1917, em plena Grande Guerra, Adriano Sousa Lopes foi enviado para a frente ocidental como oficial artista (capitão), com a missão de documentar a participação portuguesa naquele conflito. Do seu trabalho resultou um conjunto de desenhos e águas-fortes, feitos in loco, que desejou publicar num grande álbum, intenção que não se concretizou. Mas estarão na base de sete pinturas monumentais que irá realizar para o Museu de Artilharia de Lisboa, para a Sala da Grande Guerra entre 1919 e 1925. Iremos centrar-nos precisamente neste conjunto de pinturas, realizadas após o conflito, precisamente para entender como contribuíram para a fixação de uma determinada memória da participação de Portugal no primeiro conflito mundial.

Nota Biográfica:

Doutorado em História da Arte, é Professor Auxiliar do Departamento de História da Universidade de Évora e Investigador Integrado do CHAIA - Centro de História da Arte e Investigação Artística da mesma universidade, do qual é Director desde 2012. Atualmente é também Diretor do Programa de Doutoramento FCT HERITAS - Estudos de Património (Universidade de Évora e Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa) e adjunto da comissão de curso do doutoramento em História da Arte da Universidade de Évora. As suas principais áreas de investigação científica: História e Teoria da Arte dos séculos XIX e XX, Historiografia da Arte, História da Arquitetura e do Urbanismo (séculos XIX e XX), História e Teoria do Património. É membro da direcção das revistas *MIDAS - Museus e Estudos Interdisciplinares* (Universidades de Évora, Nova de Lisboa, de Coimbra e do Porto), da Cátedra UNESCO Fórum Universidade e Património (Universidade Técnica de Valencia, Espanha) e da Associação de Estudos Críticos do Património (Universidade de Gotemburgo, Suécia) e da equipa editorial da revista *MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares*. Algumas publicações: & Veiga, A., et. al. (2015). “Micro-analytical study of two 17th century gilded miniature portraits on copper”, *Microchemical Journal*, vol. 123, 51-61; & Telles, P. D. (2014). “Alexandre e o corpo eterno do rei”. In Alcalde Martín, C.,

Ferreira, L. de N. (Ed.), *O Sábio e a Imagem. Estudos sobre Plutarco e a arte*. Coimbra; (2011) “O Conde Athanasius Rackzynski e a Historiografia da Arte em Portugal”, *Revista de História da Arte*, 8; (2010) O Longo Tempo do Património. Os Antecedentes da República (1721-1910). *100 Anos de Património. Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*.



Apoios:

